

UMA POLIFONIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DIA QUE NASCERÁ: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras



Tarcísio Mauro Vago

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: tmvago@gmail.com

Resumo: Pensar a vida dos sujeitos-estudantes é condição para pensar o impacto da pandemia na Educação Física e fortalecer uma escolha inadiável: a potência política e cultural contida no alargamento das fronteiras da Educação Física para reconhecer em seu programa os saberes de povos diversos que constituem o povo brasileiro (povos originários, povos afro-ameríndios, povos latino-americanos, povos do campo) e também os saberes produzidos pelos sujeitos coletivos em espaços diversos das cidades, pois foram esses povos que a pandemia mais atingiu e mais matou. A Educação Física da Escola não pode ficar indiferente, seu tributo é uma resposta histórica para o dia que nascerá: acolher suas culturas tornando-as vivas e visíveis em seu programa de ensino – uma Educação Física polifônica.

Palavras-chave: Educação Física. Escola. Estudantes. Pandemia.

Abstract: To think about the life of the subjects-Students is a condition to think about the impact of the pandemic in Physical Education and it reinforces an unavoidable choice: the political and cultural potential contained in the enlargement of the frontiers of Physical Education so as to recognize in its content the knowledge of the different peoples which constitute the Brazilian people (original people, Afro-American and native peoples, Latin-Americans, rural peoples) as well as the knowledge produced by the collective subjects in various city structures. For these are the peoples the pandemic hit the most, and killed the most. The

Physical Education at School cannot be indifferent. Its tribute is a historic response to the day that shall come: to harbor their cultures by making them come to life and light in its teaching program – a polyphonic Physical Education.

Keywords: Physical Education. School. Students. Pandemic.

Resumen: Pensar la vida de los sujetos-Estudiantes es una condición para pensar el impacto de la pandemia en la Educación Física y fortalecer una elección inevitable: la potencia política y cultural contenida en la ampliación de las fronteras de la Educación Física para reconocer en su programa los saberes de pueblos diversos que constituyen el pueblo brasileño (pueblos originarios, pueblos afroamerindios, pueblos latinoamericanos, pueblos del campo) así como los saberes producidos por los sujetos colectivos en los diversos espacios de las ciudades. Pues fueron estos pueblos que la pandemia más atingió y mató. La Educación Física en la Escuela no puede quedarse indiferente. Su tributo es una respuesta histórica para el día que nacerá: acoger sus culturas haciéndolas vivas y visibles en su programa de enseñanza – una Educación Física polifónica.

Palabras- Clave: Educación Física. Escuela. Estudiantes. Pandemia.

1. Introdução

A lucidez que provoca a revolta ética se tornou capital para compreender a própria realidade. [...] Com frequência, é preciso ser um desviante minoritário para estar no real. Embora, aparentemente, nele não haja nenhuma perspectiva, nenhuma possibilidade, nenhuma salvação, a realidade não está paralisada para sempre, ela tem seu mistério e sua incerteza. O importante é não aceitar o fato consumado. (MORIN, 2011, p. 143-144).¹

Este ensaio está circunscrito à Educação Física da escola, que envolve professores/as e estudantes em práticas de ensino em torno de um conhecimento reconhecido como seu. A população escolar brasileira ultrapassa os 50 milhões de estudantes, mais de 90% deles/as em escolas públicas. É esse o público de destino da Educação Física.

Gosto de pensar a escola a partir de uma palavra aparentemente comum, mas inspiradora: “oportunidade”, que vem do latim *opportunitas / opportunus*, formada pela união do prefixo *ob*, que significa “em direção a”, e a palavra *portus*, que é “porto de mar”. Logo, “oportunidade” é ir em direção a um porto, ir de um porto a outro: é uma viagem. Pensemos nessa “viagem” que fazemos em companhia de nossos/as estudantes, compartilhando a travessia, e os tantos caminhos que ela pode abrir: em suas circunstâncias, em suas possibilidades, em seus limites – ir de um porto a outro neste “mundo, mundo, vasto mundo”.

Desde quando iniciei esta reflexão, fui me afastando de uma abordagem talvez mais esperada, relacionada às circunstâncias do ensino de Educação Física em uma pandemia: as dificuldades, as angústias, as agruras, mesmo as impossibilidades, para a realização de seu trabalho pedagógico no chamado “ensino remoto

¹ Cf. MORIN, Edgar. Rumo ao abismo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2011.

emergencial". Certamente, é fundamental pensar a esse respeito, e haverá produção de qualidade que tratará delas.²

Escolhi outra trilha, tomado por esta pergunta: o que pode a Educação Física (que respostas pode apresentar) diante do impacto que uma experiência extrema como a pandemia impõe aos seus sujeitos-estudantes, a nós, docentes, e à escola? Com essa pergunta me pus a pensar outras histórias, com a Educação Física na história que continua, tateando diante da dor do presente e do passado. Imaginar possibilidades outras que podemos abrir, correndo todos os riscos de uma empreitada que nos faça ir a pensamentos e a ações ainda pouco ou nada tentadas.

Foram duas as reflexões que me conduziram ao pensar impactos da pandemia na Educação Física da escola. A primeira: pensar a vida dos sujeitos-estudantes é condição para pensar o impacto da pandemia na Educação Física. A segunda reflexão problematiza a potência de outros impactos possíveis da experiência que atravessamos no ensino de Educação Física: expandir e fortalecer um movimento emergente que a pandemia confirma como inadiável: a potência educativa contida no alargamento das fronteiras da Educação Física.

Penso que a história deste presente nos provoca – nos convoca – para este movimento: a expansão de seus interesses culturais para enriquecer seu programa de ensino: ir “em busca do tempo perdido”³, de “experiências desperdiçadas”⁴, de “ausências”⁵ para então reconhecer, acolher e tratar saberes de tantos povos que constituem o povo brasileiro: os saberes ancestrais e contemporâneos dos povos originários, dos povos afro-ameríndios, dos povos latino-americanos, dos povos do campo e os saberes produzidos em espaços diversos das cidades, ocupados e frequentados pelos sujeitos da Educação Física – crianças, adolescentes, jovens,

2 O CBCE publica em 2021, no XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, o livro “Educação Física e Ciências do Esporte no tempo presente: desmonte dos processos democráticos, desvalorização da ciência, da educação e ações em defesa da vida”, com organização de Larissa Michele Lara, Vicente Molina Neto e Tarcísio Mauro Vago, contendo produções de todos os Grupos de Trabalhos Temáticos e de convidados.

3 Título de um livro de Marcel Proust, publicado na França, de 1913 a 1927.

4 Cf. SANTOS, 2002.

5 Cf. SANTOS, 2002.

adultos, especialmente da “gente humilde” do Brasil. O movimento de alargamento de nossos interesses em experiências e tradições para acolher todas as culturas. Pensar e praticar a Educação Física como lugar e tempo de todas as vozes de todos os “corpos culturais” – onde houver monofonia cultural... que a polifonia seja princípio orientador para a organização do trabalho pedagógico da Educação Física da escola. Inspiração que vem dos movimentos sociais por reconhecimento de tradições, saberes e identidades: porque todas as “culturas corporais” importam. Então, viva a polifonia na Educação Física da escola.

As razões para esse alargamento de fronteiras da Educação Física encontram-se na história, nem poderia ser diferente. A primeira delas é a história de longa duração: porque a Educação Física tem uma dívida com todas essas culturas: invisibilizadas e solenemente ignoradas, pouco ou nada (para não dizer: nunca) consideradas dignas de compor seu programa de ensino, seja nas licenciaturas que formam seus/suas docentes, seja em seu ensino na Educação Básica. Não só na Educação Física, invisibilizadas também na história do país e nos programas de ensino de tantas outras disciplinas. História ultrajante de extermínio, de genocídio, de epistemicídio.

A segunda razão para este movimento de expansão dos interesses culturais da Educação Física é a história do presente: porque são justamente esses povos de ricas culturas e seus tantos saberes que a pandemia mais atingiu e mais matou. A Educação Física da escola não pode ficar indiferente a esse fato. Seu tributo é uma resposta histórica para o dia que nascerá: acolher suas culturas e seus tantos saberes, tornando-os vivos e visíveis em seu programa de ensino – uma Educação Física polifônica, de todas as vozes de todos os corpos culturais.

A Educação Física da escola é “oportunidade” (a travessia, a viagem) de muitas belezas. Na escola, ela acolhe crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos para praticar as culturas que existem no mundo – se conseguirmos ver, aprender e apreender mais do “mundo, mundo, vasto mundo” de que nos fala Drummond, e

não apenas pedaços dele, pedaços europeus e brancos... mas acolher o vasto mundo tão perto de nós e o vasto mundo tão longe – esse mundo comum em construção.

“O passado não reconhece seu lugar: sempre volta”, como disse o poeta Mário Quintana ⁶. Indagar histórias “passadas” (passado-presente) ou examinando a história diante de nós, a Educação Física pode romper e alargar fronteiras para abrir-se ao aprendizado dessas tantas culturas, deixar-se educar por elas, para então superar as perdas e os empobrecimentos que sua ausência nos programas impôs ao ensino que foi oferecido aos estudantes na escola. Não era preciso uma pandemia para reconhecermos isso, mas ela veio, e nos impôs indagar sobre como vamos seguir adiante. Ficar no mesmo lugar não é mais opção, não é mais uma escolha eticamente possível. Outro impacto, outras histórias impõem-se como compromissos políticos e educativos.

Da Educação Física e de seus/suas professores/as exige-se, em momento tão extremo como o que vivemos, que enfrentem essa dívida histórica, o “desperdício de experiências”, e bem sabemos os seus motivos históricos. No tempo-presente e no tempo-futuro que se vai construindo também em nossas aulas de Educação Física não há mais argumento, não há mais sustentação, nada mais poderá justificar o silenciamento, o apagamento, a invisibilidade e a ausência dessas culturas, constitutivas da riqueza deste país e do que somos como pessoas singulares e como sujeitos coletivos. Daqui pra frente, o silêncio da Educação Física da escola diante dessas culturas e de seus saberes ancestrais – que se expressam em tantas “culturas corporais” – será como confissão e aceitação de racismo e de epistemicídio como projeto orientador de seu ensino, tanto nas escolas de Educação Básica, como nas licenciaturas que formam seus/suas docentes na Educação Superior.

É então que penso sempre em uma Educação Física e em professores e professoras de Educação Física que se sentem tocados/as com o nome das pessoas ⁷ – suas identidades sociais, suas his-

6 Cf. QUINTANA, 2005, p. 285.

7 Como se ouviu Chico César cantando “Inumeráveis”, em letra de Bráulio Bessa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xTKk6N6h5vA>. Acesso em: 9 jul. 2021.

tórias, suas presenças no mundo. Penso em uma Educação Física com capacidade de *outrar-se*⁸, em empatia e cumplicidade amorosa com seus/suas sujeitos. Uma Educação Física acolhedora que inclui todos/as as pessoas em posse de seus corpos marcados de tantas culturas e experiências. Uma Educação Física esteticamente insubmissa que se insurge contra a crueldade de um Brasil brutal.

Pensando nessa Educação Física – em permanente invenção – e nesses professores/as, busco alento para seguir a travessia.

2. Seguir os Sujeitos da Educação Física: eles e elas é que importam

Sempre que nos propomos a *pensar a prática* da Educação Física, nos encontramos diante de uma exigência inarredável: pensar a Educação Física é pensar as circunstâncias e as dimensões várias (históricas e contemporâneas) nas quais esteve/está envolvida, enredada, entrelaçada, situada, posicionada, afinal, são essas circunstâncias que a produziram/produzem e a fizeram/fazem ser uma disciplina constitutiva das práticas que têm lugar na escola.

Assim, pensar a Educação Física da Escola é pensar em pessoas – professores/as e estudantes –, em suas experiências singulares e sociais, em suas identidades sociais. Pensar a Educação Física é pensar a escola, lugar social habitado por essas pessoas envolvidas na realização do direito aos conhecimentos socialmente produzidos. Pensar a Educação Física é pensar o conhecimento que elegemos para constituir seu programa de ensino. Pensar a Educação Física é pensar em sua presença na escola, com sua responsabilidade de participar da formação cultural de pessoas que estão em posse de seu maior direito – seu direito ao seu corpo. Uma “oportunidade” atravessada pelo real das experiências que vivemos.

⁸ Outrar-se é uma expressão do poeta português Fernando Pessoa.

Se pensar a prática da Educação Física é pensar as circunstâncias em que ela se realiza, para refletir sobre os impactos da pandemia em seu ensino, a primeira e melhor pista que temos é esta: seguir os sujeitos da Educação Física.

Quem são e onde estão os sujeitos da Educação Física? São professores/as e são estudantes, estão em seus cantos e recantos, experimentando as asperezas dessa vida sob o desconhecido. Imprescindível perguntar antes: o que aconteceu / está acontecendo com esse/as sujeitos da Educação Física? Que experiências têm vivido? Como foram afetados/as pela pandemia, em suas circunstâncias pessoais, familiares, sociais, econômicas, culturais, escolares? E em sua estabilidade emocional? Ver, ouvir, reconhecer e acolher a experiência desses sujeitos da Educação Física – pessoas encarnadas, de alegrias e de dores é um exercício de pensamento para refletir sobre os impactos da pandemia na Educação Física.

Os sujeitos no centro da reflexão, deslocando o olhar da “Educação Física” para direcioná-lo aos “sujeitos da Educação Física”: é deles/as, penso, que devem partir nossas reflexões e nossas proposições para o enfrentamento das circunstâncias dramáticas deste passado-presente-futuro. É que não existe “Educação Física” no vazio, no abstrato: existe uma prática de ensino em Educação Física que só acontece em presença de seus sujeitos, professores/as e estudantes, com suas histórias e experiências em seus corpos.

O que acontece a eles/as, em todas as suas circunstâncias de vida, é que impacta a prática de ensino de Educação Física. Por isso, partir dos sujeitos, pensar e compreender os sujeitos para pensar a Educação Física da escola, nesse tempo-agora, envolvidos em incertezas e angústias, e no dia que nascerá, esse desconhecido... que se abrirá em desafios à Educação Física da escola. Desafios que talvez ainda sequer consigamos antever, entrever, projetar...

O que afeta aos seus sujeitos afeta à Educação Física da escola. Estão diante de nós com suas vidas atravessadas por experiên-

cias socioculturais marcadas por seus vínculos a classes sociais e a identidades sociais diversas, com seus pertencimentos raciais, étnicos, de gênero e sexualidade, etários, dentre outros. Ora, isso diz respeito aos compromissos sociais da Educação Física: ela não pode ficar alheia e indiferente ao que se passa com seus sujeitos – eles e elas é que importam.

Desta feita, ainda que sempre se pense intensamente nas circunstâncias que nos envolvem como professoras e professores de Educação Física, a reflexão incidirá centralmente sobre os sujeitos-estudantes da Educação Física da escola de Educação Básica: crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos.

2.1 Sujeitos-estudantes da Educação Física e a pandemia: vidas impactadas

O que aconteceu/vem acontecendo com estudantes da Educação Física ao longo da pandemia? Como foram afetados/as? Como chegam – se chegam – para as nossas aulas, em tempos de “ensino remoto”?

A pandemia é uma experiência inédita e inesperada para os atuais habitantes do planeta, delicada, complexa, sem “preparação prévia”, que aflige a humanidade desde o final de 2019, e nos confronta com o desconhecido.

No entanto, com seu ineditismo, a pandemia acabou por exacerbar, radicalizar e dar visibilidade a problemas e opressões estruturais em escalas mundial e nacional bastante conhecidos há muito tempo, problemas que ao longo da história não foram objeto de políticas públicas de enfrentamento para sua superação – o racismo e suas nefastas consequências para todas as vidas humanas; a iníqua distribuição de renda; a desigualdade de acesso aos bens da educação, da cultura, da saúde, da economia. E a pandemia trouxe também problemas sociais novos.

Se a palavra *pandemia*, em sua etimologia, significa *algo que afeta a todos/as*, basta “a experiência com coisas reais” para compreendermos que, no Brasil (e no mundo), ela afeta a todos/as de maneiras profundamente desiguais. São, de fato, muito distintas as formas de vivê-la durante essa tão longa travessia. E essas diferenças exigem de nós, docentes de Educação Física, toda a consideração quando pensamos e organizamos práticas educativas para os sujeitos que estão diante de nós, nas quadras, nos pátios das escolas, ou nos espaços virtuais com os quais estamos nos reinventando e reinventando nossas relações com esses/as sujeitos e nossas intervenções pedagógicas.

Essencial considerar que os impactos da pandemia recaem primeiro sobre os sujeitos da Educação Física – em suas vidas, em seus corpos. É então uma exigência para nós perguntar sobre as populações diversas que compõem o que chamamos de população brasileira – as populações diversas de onde vêm os sujeitos da Educação Física, que chegam com suas histórias de muita dor e algumas alegriazinhas para as aulas que organizamos e ministramos para elas.

São tantos *Brasis* no Brasil. Populações urbanas, populações do campo: populações partidas em cidades partidas, populações partidas em campos partidos (senão minados). Populações em territórios indígenas e em territórios quilombolas – sob permanente ataque de exploradores do garimpo – e daqueles que querem se apropriar de terras que são suas⁹. O direito às cidades, o direito aos campos e o direito aos territórios dos povos originários são lutas históricas, acirradas ainda mais sob a pandemia e sob o atual governo – devastação.

As cidades e suas tantas iniquidades, a repartição tão desigual do espaço público que produz a gentrificação que oprime e segrega espacialmente as pessoas, expulsando pobres da cidade para distâncias cada vez mais distantes, na vã tentativa de isolar a “gente humilde” nas chamadas “periferias”, sem direito a ter di-

⁹ Os territórios indígenas têm sido frequentemente atacados em todo o Brasil. Em junho de 2021, por exemplo, um ataque ao território dos Xacriabá em Minas Gerais destruiu a Escola e o Posto de Saúde. Outro ataque ocorre no Congresso Nacional, com a projeto de redução (eliminação) de reservas e a possibilidade de explorá-las comercialmente por terceiros.

reitos, sem serviços, sem estrutura, enfim, sem Estado – a não ser o Estado policalesco que entra com sua polícia feita de gente pobre, e “sem pedir licença, nem perdão”, realiza suas famigeradas operações movidas a ódio de classe e a racismo, e lá no “gueto escuro explode a violência”, as balas perdidas sempre matando corpos pretos, dilacerando vidas e famílias, gente-pobre-da-polícia matando gente-pobre-das-quebradas. Diques de contenção dessa “gente preta e suja” para que não incomode o comércio e os limpos das cidades. Higienização, eugeniização, gentrificação: passado que não passou, atualizado.

No entanto, essa população resiste em suas tantas lutas, em ruas, avenidas, praças, vilas e vielas, nas quebradas que dignificam com sua presença. Os povos originários eram 5 milhões de pessoas que falavam 3 mil línguas diferentes, em *Pindorama*, quando chegaram as naus de Cabral. Genocídio e epistemicídio tem data marcada no calendário de atrocidades da história brasileira. “Silvículas”, “bárbaros”, “bravos”, “incivilizados”, “preguiçosos”, “indolentes”... representações que ainda circulam, por muitos acreditadas.

Populações quilombolas lutam para existir em seu direito à terra e às suas culturas. Populações negras, maioria do povo brasileiro, sofrem também a maior violência desde que aqui foram desembarcados à força, peso do racismo histórico, estrutural e visceral. Resistem, e seguem com suas presenças na produção de um Brasil em que todos/as caibam, se reconheçam e se respeitem.

As populações dos campos encontram-se sem campo e sem terra para plantar e para colher, concentradas nas mãos do latifúndio improdutivo, do agronegócio que faz da terra mercadoria, que droga a terra e seus alimentos. E há a luta de trabalhadores/as pelo direito a um torrão em um país continental.

Milhares e milhares que vivem com renda mensal iníqua, que humilha a condição humana, e há tantos que vivem sem nenhuma renda. As precárias condições de vida se agravaram na pandemia: 4,3 milhões de pessoas passaram a receber renda muito baixa

nas regiões metropolitanas, conforme o Boletim *Desigualdade nas Metrôpoles*. Em março de 2020 eram 20,3 milhões de pessoas em domicílios com renda per capita de trabalho inferior a um quarto do salário mínimo (menos de 250 reais mensais). O relatório da Oxfam confirma: “O Vírus da Fome se Multiplica”¹⁰, mostrando que o Brasil está entre os focos emergentes de fome no mundo, com quase 20 milhões de pessoas passando fome¹¹; a extrema pobreza quase triplicou, passando de 4,5% da população para 12,8%.

Nas circunstâncias da pandemia, o auxílio emergencial só foi instituído após pressão popular sobre o Congresso Nacional, pois o governo-predador não o queria. Ele chegou a 38 milhões de famílias em situação de vulnerabilidade, mas os dados mostram que dezenas de milhões de pessoas ficaram sem nenhuma renda. ¹² Conforme a diretora executiva da Oxfam Brasil, Katia Maia:

A pandemia de covid- 19 escancarou as desigualdades brasileiras e trouxe essa emergência da fome a milhões de pessoas no país [...] Vivemos uma situação catastrófica porque há uma negligência sem tamanho com a vida das brasileiras e dos brasileiros, que estão sem vacinas, sem ter o que comer, sem emprego e sem renda.¹³

Tantos *Brasis* no Brasil. Diversos povos que constituem o “povo brasileiro”. Tantos povos que compõem uma brava gente humilde que, resiliente, insiste em ter esperança. Pois bem: é desse povo humilde, muitas vezes humilhado, tantas vezes brutalizado, é desses povos que vêm a imensa maioria dos estudantes – crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos/as em posse de seus corpos

10 Cf. reportagem no Diário do Centro do Mundo, em 08 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/brasil-esta-entre-os-focos-emergentes-da-fome-junto-com-india-e-africa-do-sul-diz-novo-relatorio-da-oxfam/>. Acesso em: 9 jul. 2021.

11 Dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), na mesma reportagem.

12 A reportagem registra também dados do Relatório Oxfam para mundo: o número de pessoas vivendo em condições de fome estrutural aumentou em cinco vezes desde o início da pandemia, e somente em 2021 mais 20 milhões de pessoas foram levadas a níveis extremos de insegurança alimentar, chegando a um total de 155 milhões em 55 países.

13 Reportagem publicada no Diário do Centro do Mundo, em 08 julho de 2021. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/brasil-esta-entre-os-focos-emergentes-da-fome-junto-com-india-e-africa-do-sul-diz-novo-relatorio-da-oxfam/>. Acesso em: 9 jul. 2021. O Relatório completo da Oxfam Brasil encontra-se em: <https://www.oxfam.org.br/especiais/o-virus-da-fome-se-multiplica/>, publicado em 9 de julho de 2021.

culturais que guardam e narram suas histórias: aí estão os sujeitos das escolas públicas e de nossas aulas de Educação Física.

Que não se perca jamais de vista, se queremos compreender os impactos da atual pandemia: “outra pandemia”, de longa duração na história, já vem “afetando a todos esses povos”, com exclusões, segregações, genocídios, opressões sobre os corpos de brasileiros/as. A pandemia do presente radicalizou a precarização das condições de vida dessas populações.

É essa experiência que eles e elas têm e trazem. É essa experiência histórica que carregam em seus corpos para as escolas e chegam em nossas aulas de Educação Física. Aulas presenciais nos tempos-espacos escolares ou aulas “presenciais” nas telas do computador, nessa experiência de ensino remoto emergencial – para muitos, talvez a maioria, de tão remoto nunca chega...¹⁴

É inescapável que o que atinge essas populações e seus sujeitos, atinge a Educação Física da escola, pois ela é sempre atravessada por essas experiências dos sujeitos. Não há aqui novidade: as opressões estruturantes da história brasileira estão desde sempre presentes na experiência desses povos, desde Cabral, quando a colonização se instaurou, e atravessou 521 anos organizando e estruturando as práticas sociais – e o passado não passou: no século XXI, o pensamento colonizado, patriarcal e escravista é atualizado.

É fundamental reconhecer quem sofreu na carne distintas histórias desse Brasil desigual, desse Brasil brutal. Quem foi invisibilizado, quem teve oportunidades e quem ficou nas franjas, quem viveu a bonança e quem sobreviveu de restos e migalhas da cidadania nunca realizada para todos/as. A pandemia adverte: a ninguém mais será dado o direito à dúvida, à alienação, à indiferença e à mentira histórica – o que sempre houve... tudo está na cara de todos/as.

14 Dado revelador: 4,3 milhões de estudantes não-brancos da rede pública – pretos, pardos e os indígenas – ficaram sem atividades escolares durante a pandemia, quase três vezes mais que os 1,5 milhões de estudantes brancos sem atividades. Uma das razões é que, no Brasil, 39% de estudantes de escolas públicas não têm computador, enquanto 91% de estudantes de escolas particulares possuem computador. Cf. Rede de Pesquisa Solidária da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://rededesquisasolidaria.org/wp-content/uploads/2020/09/boletimpps_22_28agosto.pdf. Acesso em: 1 jul. 2021.

O que sempre houve (também na escola/Educação Física) foi a invisibilidade histórica desses sujeitos. Bastou que passassem a usufruir de alguns direitos... e veio a reação de setores oligárquicos acostumados com as benesses de um Estado que sempre os viu e sempre atendeu a seus interesses: golpes em sequência nos direitos sociais, golpe na Democracia, golpe na vida – está aí o negroverno da devastação que os representa, que nasceu deles e por eles é sustentado.

Direitos sociais duramente conquistados por gerações estão em permanente ameaça, muitos já destruídos. Retrocessos em nosso processo civilizatório. Sob ataque, correm “risco de extinção” os direitos de cidadania já estáveis em sociedades complexas como a nossa, que respeitam a diversidade das experiências humanas. Nada disso decorre diretamente da pandemia, mas de políticas postas em andamento por um governo-demolição.

Estão especialmente vulneráveis e sob permanente ameaça as populações minorizadas;¹⁵ as comunidades indígenas e quilombolas; os jovens negros/as (morre um jovem negro a cada 23 segundos no Brasil); as crianças do campo e das periferias das cidades; a população LGBTTQIA+; as pessoas com deficiência. Pessoas, sujeitos coletivos, que ainda não têm garantidos os seus direitos como cidadãos e cidadãs.

Que impactos tem a experiência desses sujeitos coletivos antes e durante a pandemia na Educação Física da escola? Que impactos podemos pensar na Educação Física depois da pandemia, no tempo que virá?

Destaco como risco grave a evasão escolar. A que estudantes esse risco ronda? A quem o abandono da escola ameaça, antes, agora, depois? Sabemos bem. E sabemos também que a interdição da escola para crianças, adolescentes, jovens e adultos da “gente humilde” deste país é a interdição da “oportunidade”, talvez única: é a “viagem” de nossos/as estudantes, de um porto a outro, que estará sendo interrompida. E não se trata “apenas” da interdi-

15 Cf. “Política Linguística”, de Marcos Bagno (UnB), publicado em 9 nov. 2017 em seu site, <http://www.parabolablog.com.br>. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/politica-linguistica-1>. Acesso em: 5 jul. 2021.

ção do acesso aos saberes, aos conhecimentos que a escola proporciona, fato já muito problemático. Trata-se de algo ainda mais decisivo: é a interdição do compartilhamento da vida com colegas, com professores/as, que se realiza no contato diário nos espaços escolares sempre ricos em trocas, em encontros e desencontros, em parcerias, em amizades e amores. Duras perdas – e as vidas de nossos/as estudantes se empobrecendo... de seus/suas professores/as também.

3. Educação Física da escola: uma polifonia para o dia que nascerá

O presente é dilacerante e nos indaga, nos desafia e nos convoca: “Defender a Vida”¹⁶ e construir um mundo comum. Há escolhas a fazer, há respostas a ousar buscar. Retomo aqui a segunda reflexão que escolhi para este ensaio.

“Ninguém sabe o dia que nascerá” – disse Edgar Morin¹⁷. O dia nascerá da experiência aberta que é a vida. Oportunidades podem ser criadas, ou desperdiçadas. A reflexão de Morin é uma pista. Perguntado sobre em que acreditava, ele respondeu:

Certo, nem tudo está perdido. O pior não é certo. Creio no improvável. Não é uma fé ingênua. Creio no improvável porque houve épocas... a palavra ‘provável’ só tem sentido para as informações de que alguém dispõe, num dado momento, num dado lugar. Em 1940-41, sob a ocupação alemã, quando os exércitos nazistas dominavam do Atlântico ao Cáucaso, era ‘altamente improvável’ que essa potência fosse destruída! E ela o foi! No

¹⁶ É o tema que o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte julgou pertinente definir para o seu mais importante evento, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte: “Defender a Vida, afirmar as Ciências: Educação Física e Ciências do Esporte no tempo presente”, e de sua ementa destaco este fragmento: “A complexidade do tempo presente vem acompanhada de um mal estar civilizatório sem precedentes, abarcando questões éticas, morais, políticas, sociais, econômicas, culturais e, com grande visibilidade midiática, dilemas relacionados à saúde do planeta e à sobrevivência das múltiplas manifestações de vidas que o habitam. Trata-se de um conjunto de problemas relacionados à experiência coletiva que envolve a sociedade contemporânea, com efeitos destrutivos nas Culturas, nas Ciências, na Educação, na Saúde, no Esporte e no Lazer. Defender Vidas e Afirmar as Ciências constituem exigências do tempo presente, tempo em que ações de ensino, de pesquisa e de extensão necessitam estar plenamente comprometidas com a preservação da Vida.” Ver: <https://conbrace.org.br/>. Acesso em: 5 jul. 2021.

¹⁷ Cf. MORIN, Edgar, 2002. Edgar Morin completou 100 anos em 08 de julho de 2021, desejando o improvável.

momento em que os soviéticos entraram como em manteiga no Afeganistão, quando eles detinham a metade do mundo árabe e do Terceiro Mundo, quem teria pensado que eles iam desmoronar? Quem podia pensar, há dois milênios, que o enorme exército persa que atacou a pequena Atenas por duas vezes iria ser rechaçado? Que aquela cidadezinha miserável, uma vez salva, iria instituir a democracia e a filosofia, a herança sobre a qual vivemos hoje? Creio no improvável, porque, se acreditarmos nas probabilidades, vamos rumo ao caos demográfico, aos caos econômico, ao caos ecológico, ao caos nuclear... Mas o improvável pode acontecer. (MORIN, 2002, p. 67).

Essa crença de Morin no improvável, me faz pensar em nossas potências, mais do que em nossos limites. Outras inspirações compõem o alento que desejo compartilhar com professores e professoras de Educação Física. Trago sempre comigo um pensamento de Marcel Proust (1871-1922): “Se sonhar um pouco é perigoso, a solução não é sonhar menos, é sonhar mais”.¹⁸ É um bom perigo: sonhar mais. Também a poesia de Manoel de Barros me encanta: “As coisas que não existem são mais bonitas”. Eis sua “Didática da Invenção”.¹⁹

O que inspira Morin, Proust e Manoel de Barros? Pensar que temos horizontes, que temos potência para agir, que temos escolhas. Uma escolha da Educação Física é ousar expandir sua própria experiência estética: ir aonde ainda não foi, pensar o que ainda não pensou, buscar quem ainda não buscou, acolher culturas que ainda não acolheu, para então fazer o que ela ainda não fez na escola. Poderosa potência nessa permanente travessia rumo ao dia que nascerá: correr o perigo de sonhar mais, crer no improvável, desejar as coisas bonitas que (ainda) não existem. Com essa potência, podemos ousar *pensar a prática* da Educação Física em meio à vida que acontece agora, que continuará... e alargar fronteiras.

¹⁸ Frase de seu livro já lembrado, “Em busca do tempo perdido”.

¹⁹ Cf. BARROS, 1993, p. 7.

Algo muito interessante e promissor está em emergência no ensino de Educação Física: movimentos muito potentes de aproximação de seu ensino com saberes ancestrais de povos que constituíram as culturas do Brasil. Que esse movimento cresça vertiginosamente, expandindo seus interesses culturais de modo a enriquecer seu programa de ensino, reconhecendo, acolhendo e tratando de saberes de tantos povos que constituem o povo brasileiro: os saberes ancestrais e contemporâneos dos povos originários, dos povos afro-ameríndios, dos povos latino-americanos, dos povos do campo e das culturas produzidas em espaços diversos das cidades, ocupados e frequentados pelos sujeitos da Educação Física de todas as idades.

De outro modo: tornar presente na Educação Física o que sempre presente esteve e está na história cultural do povo brasileiro. Confrontar e superar sua dívida histórica, o seu “desperdício de experiências” culturais: o seu racismo e o seu epistemicídio cultural. Um desafio (diria uma exigência) da história do passado e do presente para a Educação Física. Não se trata de “agora” considerá-las dignas de compor o seu programa de ensino na Educação Básica e nas licenciaturas, pois dignas elas sempre foram, com suas ricas histórias de tantas práticas corporais. O limite sempre foi da própria Educação/Educação Física, reverberando a invisibilidade a que foram condenadas nas narrativas da história do país e, por extensão, nos programas de ensino de tantas outras disciplinas.

Reconhecer os impactos da pandemia em suas vidas não basta. É tempo de produzir na Educação Física outros impactos, outras histórias. Abrir nosso ensino: que esses povos e suas culturas ocupem nossos programas, que enriqueçam nossas práticas pedagógicas, que nos eduquem o olhar, que encham nossos corpos (de estudantes e de docentes) de toda a sabedoria, de toda a cantoria, de toda a alegria que eles conseguiram preservar com sua resistência, sua resiliência e seu permanente desejo de continuar a viver.

Avançar para além do que era antes da pandemia – porque já não mais é, eticamente, possível permanecer no mesmo lugar

– seria uma afronta à dor do outro, todos os outros. É essa a experiência estética que, mais que “possível”, é necessária, é um compromisso político: superar-se, indo além de sua história até aqui, ousar outras histórias: outro impacto possível. A presença da experiência de viver desses povos como um “problema” da e para a Educação Física – um problema, quer dizer, uma tópica de seu programa de ensino na escola e na formação docente em Educação Física, nas universidades.

É mesmo tempo de outras histórias: nenhum argumento sustentará doravante o silêncio, a ausência, o apagamento dessas tantas culturas. A história passada-presente-futura exige: confrontar o racismo e o epistemicídio que empobrecem o nosso trabalho de formação cultural dos sujeitos da Educação Física.

Diante de tanta dor, dor de longa duração e dor de hoje, retomo a pergunta sobre o que pode a Educação Física diante desses povos que são povo brasileiro. E penso que uma resposta histórica é esta: acolher e tratar suas culturas e seus saberes, assumindo a escolha política e pedagógica de fazê-las presentes, vivas, para que sejam conhecidas, para que sejam praticadas, para que sejam fruídas e apropriadas por estudantes em suas aulas – que recebam o respeito e o reconhecimento da Educação Física, tornando-as objetos de estudos, de pesquisas e de ensino em suas aulas da escola. Contra o apagamento da história (da Educação Física, inclusive), contra as políticas de morte, que a Educação Física seja tempo e lugar para a existência dessas culturas. Nada menos que isso. Tributo histórico da Educação Física a todos esses povos – na licenciatura e na Educação Básica. Tributo que podemos, que nos é totalmente possível, fazendo uma escolha política necessária, imprescindível: mais, muito mais, radicalmente mais presença dessas culturas na Educação Física. Escolhamos estar e ficar com elas, reconhecendo ainda que tarde a sua presença na invenção e na constituição desse país, com suas “culturas corporais” – com as histórias que seus corpos carregam, expressam e mantêm vivas, com as histórias que seus corpos são.

Seja a Educação Física da escola mais um lugar para celebrar essas histórias, a existência dessas culturas que nos fizeram ser o que o somos como país – e podem nos ajudar a ser o que ainda não somos e podemos vir a ser. “As coisas bonitas que não existem” na Educação Física, na educação, na vida...

Podemos sim ser uma Educação Física ²⁰ com capacidade de outrar-se para reconhecer culturas tantas constitutivas do Brasil desde *Pindorama*. Para trazer para a Educação Física da escola coisas bonitas que sempre existiram para esses povos, mas que ainda pouca chance tiveram (se tiveram) de existência em nossas aulas, ainda não se tornaram “temas clássicos” de nossos projetos de pesquisa e de ensino para a fruição estética, a apropriação cultural e o enriquecimento da experiência dos sujeitos da Educação Física. E são tantas culturas!

Os saberes ancestrais dos povos originários que existem desde antes do Brasil; os saberes ancestrais dos povos negros de matriz-africana ²¹; os saberes dos povos latino-americanos, buscando identidades com culturas de povos irmãos.

Tirar de nosso esquecimento essas culturas imensas e belas, essas tantas “culturas corporais de movimento”, com as quais a Educação Física tem tanto a aprender – certamente elas têm muito a educar a Educação Física: em suas práticas de pesquisa, de estudo e de ensino que se desdobra no enriquecimento da formação de seus/suas Professores/as e seus sujeitos-Estudantes.

Podemos sim ser uma Educação Física que seja “território indígena” – uma Educação Física *indigenocêntrica*. Podemos, sim, uma Educação Física que seja lugar da “mama-África” – uma Educação Física *afrocêntrica*. Podemos sim ser uma Educação Física que seja um quilombo: uma Educação Física *quilombocêntrica*. Reconhecendo e acolhendo saberes ancestrais, abrindo-se às práticas corporais dessas epistemologias *afro-brasileiras-amerín-*

20 Retomo neste tópico algumas reflexões que apresentei em palestra no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em Natal (RN), setembro de 2019: “Democracia e Educação do corpo em tempos de (contra)reformas educacionais”, publicada em ebook: https://bit.ly/ebook_tmvago-2020.

21 Em sintonia com o avanço da Lei n. 10.639, de 2003 (que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei n. 9394/1996) para incluir o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nos currículos.

dias. Podemos sim ser o ensino de Educação Física decolonial, que confronte seu histórico racismo cultural, estrutural e acadêmico, tanto na formação docente como na realização de seu ensino nas escolas.²²

O Brasil tem as “quebradas” e suas culturas: seja a Educação Física uma “quebrada” (uma Educação Física *quebradocêntrica, fa-velocêntrica*). O vasto mundo tem as Américas: podemos sim ser uma Educação Física que seja território latino-americano: uma Educação Física *latinocêntrica*, abraçando as culturas corporais de tantos povos em suas “veias abertas”²³. Seja a Educação Física “una anción por la unidad de latino América”.²⁴

O mundo tem a África: que a Educação Física abrace as culturas corporais de África. O mundo tem também a Ásia e a Oceania: que a Educação Física abrace as culturas corporais da Ásia e da Oceania. Para que então a Educação Física seja tempo e lugar do direito à fruição estética das criações culturais de humanos de tantos mundos deste vasto mundo.

O mundo tem a Europa: que a Educação Física abrace as culturas corporais da Europa também, sem se deixar reduzir à cultura corporal europeia, que marcou sua história. Porque o mundo é mais e tem mais que Europa.

Currículos das licenciaturas docentes e da Educação Básica encarnados em histórias de povos diversos: que nomes aprenderemos, que práticas corporais realizaremos, que culturas fruirmos? A Educação Física da escola (formação e a atuação) constituindo outros “temas clássicos”, aprendendo e ensinando outras maneiras de jogar, de brincar, de se divertir, de dançar, de cantar... e tanto mais.

22 Sonhar mais é também isso: o desafio de enfrentar e de superar o próprio racismo acadêmico da Educação Física, como área de pesquisa, de conhecimento e de ação pedagógica. Um racismo que atravessa suas escolhas e suas práticas acadêmicas e de ensino, que se expressa no apagamento e na invisibilidade de tantas culturas ancestrais de matriz indígena e africana que nos constituem como povo, mas ainda não reconhecidas e não presentes em nossos programas – tanto nos programas de formação acadêmica (licenciatura e bacharelado) como nos programas de ensino para a formação cultural de nossos/as estudantes nas escolas.

23 Referência ao imprescindível livro de Eduardo Galeano, “Veias Abertas da América Latina”, de 1970.

24 “A história é um carro alegre, Cheio de um povo contente, Que atropela indiferente Todo aquele que a negue... / Quem vai impedir que a chama saia iluminando o cenário, saia incendiando o plenário, saia inventando outra trama... / Já foi lançada uma estrela, pra quem souber enxergar, pra quem quiser alcançar e andar abraçado nela...” Estrofes de Cancion por la unidad de Latino America, de Pablo Milanes e Chico Buarque de Holanda (1980).

Porque todas as culturas dos povos que continuam inventando o Brasil importam. Porque todas as culturas latino-americanas importam. Porque todas as culturas do mundo interessam à Educação Física. Alargar fronteiras da Educação Física: do esquecimento cultural ao enriquecimento cultural – um posicionamento político e pedagógico promissor. Polifonia da Educação Física: todas as vozes de todos os corpos de todas as culturas.

E podemos tudo isso em uma Educação Física acolhedora: que respeite, reconheça e proteja a maravilhosa diversidade de pessoas com seus corpos – seus corpos negros; seus corpos quilombolas; seus corpos indígenas; seus corpos femininos; seus corpos masculinos; seus corpos trans: porque são seus corpos, suas experiências de estar no mundo – e na Educação Física. Que a todas e a cada uma dessas pessoas em posse de seus corpos, a Educação Física ofereça reconhecimento, respeito, dignidade, afeto, afeição, alegria, empatia, doçura – porque são pessoas, e é o que basta.

Podemos isso em uma Educação Física que declare amor a todos os corpos: aos corpos infantis; aos corpos adolescentes; aos corpos jovens; aos corpos adultos; aos corpos envelhecidos. Que declare amor aos corpos dos vulneráveis; aos corpos minorizados; aos corpos subalternizados; aos corpos periféricos; aos corpos das quebradas; aos corpos indóceis; aos corpos insubmissos; aos corpos transgressores.

Podemos isso em Educação Física, que se reconheça e acolha as pessoas com deficiência, e que fortaleça suas lutas por direito à acessibilidade e inclusão. Podemos isso em uma Educação Física, que se reconheça as pessoas LGBTQIA+ e suas lutas por equidade de direitos, dialogando com suas maneiras de estar no mundo.

Podemos isso em um programa de Educação Física que acolha todas as culturas e todos os corpos – os corpos culturais (confrontando a tirania de “corpos esculturais”). Que todos possam ser vistos, reconhecidos e acolhidos na Educação Física da escola – porque todos os corpos interessam à Educação Física quando ela é tempo e lugar de inclusão de mais sujeitos para contribuir em

seus projetos de vida, em seus projetos de emancipação, em suas expectativas de vida presente-futuro.

A polifonia de uma Educação Física com fronteiras alargadas e permanentemente abertas se traduz e se expressa também em um imperativo ético, inescapável à condição docente: produzir, na formação e na atuação, uma Educação Física antirracista e decolonial; antidemofóbica; antimachista; antimisógina; antissexista, antihomofóbica; anticapacitista; antietarista, confrontando as opressões presentes nas práticas sociais, na escola e na própria Educação Física.

4. Esperançar as disputas que nos definem: insubmissão estética e insurgência na travessia

A condição docente exige posicionar-se nas disputas sociais diversas. As lutas que lutamos nos definem. Posicionar a Educação Física nas lutas permanentes da sociedade civil pela Democracia, pelos direitos sociais duramente conquistados, pela igualdade e pela equidade de direitos é dever como educador.

Disputar a vida, disputar os sentidos do presente e do futuro; disputar o Brasil como país justo e democrático, em insubmissão estética²⁵ e insurgência ao Brasil brutal é necessário. A desobediência é um direito quando o que se quer impor é a brutalidade, a incivilidade, a barbárie. Não sucumbir nem tampouco aceitar a servidão voluntária, pois desobedecer é também uma experiência estética e temos o direito de defender a vida em comum.

Devemos e podemos disputar o mundo para construir um mundo comum, disputar os sentidos da Educação e da escola pública – a permanente batalha pela Educação de que somos herdeiros/as. Além de disputar a formação de professores/as

²⁵ “Insubmissão estética” é expressão inspirada no memorialista Pedro Nava, em seu livro “Beira-mar, Memórias 4” (Nova Fronteira, primeira edição de 1978).

de Educação Física, comprometida com princípios e projetos de emancipação humana.

Continuaremos aceitando um mundo em que 1% da população concentra quase a totalidade da riqueza por todos/as produzida? Essa pergunta não é nova. Porém, a pandemia radicalizou a necessidade de responder a ela – ou então, de nada terá valido essa experiência de tantas dores.

Os excluídos de sempre são os que mais morreram nesta pandemia, como foram os que mais morreram na pandemia de cem anos atrás e, ao longo história, em todos os seus momentos críticos. Não é bem que a “história se repete”: é mais que a “história não mudou em nada” para os excluídos de sempre, porque as exclusões nunca foram superadas na história. Dolorosamente, simples assim. Nas condições sociais, culturais, econômicas, ambientais produzidas pelo capitalismo devastador, quem está sendo exposto à contaminação? Quem está morrendo?

Já sabíamos que o modo de produção capitalista é predador e produz degradação humana e degradação do planeta; já sabíamos que se nos mantivermos nesse caminho não teremos nunca a chance de uma vida em comum em um mundo comum. No capitalismo, acontecerá o provável de que nos falou Edgar Morin, o caos multiplicado em todas as dimensões da vida.

Pois a vida em comum em um mundo comum não é possível, simplesmente não é possível, quando 1% da população concentra quase toda a riqueza produzida com o suor – o suor do corpo – de todos/as. Sim, já sabíamos, mas os “senhores donos do mundo”, os donos das grandes corporações, ainda estão no poder, e são eles que vêm determinando as políticas públicas dos governos dos países, subjugando-os a seus interesses, submetendo-os, tornando-os seus vassalos.²⁶

Sim, nós já sabíamos disso. Veio a pandemia, e penso que ela radicalizou a escolha ética de superação do capitalismo como modo de produzir a vida. Ailton Krenak disse em palestra na UFMG

²⁶ Cf. CHOMSKY, Noam, 2018.

²⁷: “a gente acha mais fácil acabar com o mundo do que acabar com o capitalismo”. E provocou o pensamento: “não é bem assim, pode ser o inverso...”. Sim, pode. Sejam os inversos.

Concluí a escrita deste ensaio em julho de 2021, em um período que para mim é o mais alegre do ano, de tantos festejos nos arraiais, de belas fogueiras e de balões coloridos... mas, ao contrário, estamos chorando milhares de vidas interrompidas, tantas famílias marcadas e arrasadas para sempre. Tanta dor... em Jacarezinho, na Aldeia dos Xacriabá, em tantas aldeias, nos Quilombos, nas cidades...

Comecei com uma epígrafe de Edgar Morin que falava de incertezas, mas que o improvável pode acontecer. Como ele, creio também no improvável: na construção de um mundo comum, é minha crença, meu desejo.

Aqui estamos, nessa permanente travessia em busca do improvável... Não aceitemos o fato consumado: a história (nela, a Educação Física) está aberta para o dia que nascerá.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia / Poema de sete faces [1930]**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BAGNO, Marcos. **Política Linguística**. Brasília, 9 nov. 2017. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/politica-linguistica-1>. Acesso em: 5 jul. 2021

BARROS, Manoel. **Livro das Ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

BRASIL ESTÁ entre os focos emergentes da fome, junto com Índia e África do Sul, diz novo relatório da Oxfam. **Diário do Centro do Mundo**, 8 jul. 2021. Disponível em: <https://www.diariodocentro->

27 UFMG: Seminário Tempos Presentes: A negação da ciência, com Ailton Krenak (Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=9TOvKwQV-Ss>). Cf. também a Aula Pública de Ailton Krenak no Departamento de Sociologia da FAFICH/UFMG, com o tema “Cultura e Resistência Indígena no Brasil” (Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=9TOvKwQV-Ss>).

domundo.com.br/brasil-esta-entre-os-focos-emergentes-da-fo-me-junto-com-india-e-africa-do-sul-diz-novo-relatorio-da-oxfam/. Acesso em: 9 jul. 2021.

CHOMSKY, Noam. **Réquiem para o sonho americano**. Os 10 princípios de concentração de riqueza e poder. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

MORIN, Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**; Coleção Nomes de Deuses; Entrevistas com Edmond Blattchen. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2011.

NOTA TÉCNICA No. 22. **Rede de Pesquisa Solidária**, São Paulo, 28 ago. 2020. Disponível em: https://redepesquisasolidaria.org/wp-content/uploads/2020/09/boletimpps_22_28agosto.pdf. Acesso em: 1 jul. 2021.

QUINTANA, Mário. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

TEMPOS PRESENTES – A negação da ciência com Ailton Krenak, 17 ago. 2020. Publicado pelo canal **CAC UFMG**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9TOvKwQV-Ss>. Acesso em: 9 jul. 2021.

VAGO, T. M. Democracia e educação do corpo em tempos de (contra)reformas educacionais. **XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte, realizado em Natal (RN)**, em setembro de 2019. Disponível em https://bit.ly/ebook_tmvago-2020. Acesso em: 18 jul. 2021.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.